

O governo Lula e sua esfinge



Por LISZT VIEIRA*

A esfinge de Lula não pergunta enigmas, mas exige respostas: ou o governo rompe com a política de conciliação que o enfraquece, ou será devorado pela história. O tempo do “bom moço” acabou – só um projeto claro e corajoso salvará seu legado das urnas famintas por mudança

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
(Camões).

1.

Em derrota para o governo, o Congresso derrubou o decreto do novo IOF. A visão geral que passa para a população é a de um Governo fraco, que dá tudo e não recebe nada. O Governo liberou mais de R\$ 1 bilhão em emendas parlamentares antes da votação do IOF no Congresso. Essa quantia, porém, não foi suficiente para impedir a derrubada do decreto presidencial.

Nos dias que antecederam a votação do decreto, foram acrescentados no sistema mais de R\$ 1 bilhão entre as verbas empenhadas, totalizando R\$ 1,9 bilhão em emendas liberadas neste ano (*O Globo*, 27/6/2025). Resta ao governo entrar com ação no STF para questionar a derrubada do IOF pelo Congresso, alegando que o Legislativo violou a separação de poderes.

A política de fazer alianças por cima com a direita para barrar a extrema direita funcionou na última eleição, mas não funciona mais. A direita, com o apoio da mídia, já está fazendo oposição a Lula e os ministros do governo, indicados pelos partidos de direita, já estão abertamente comprometidos com a oposição a Lula.

O poder tem se deslocado do Executivo para o Legislativo que hoje exerce poder sem assumir responsabilidades. O orçamento secreto é um exemplo gritante. O presidencialismo de coalizão foi substituído por um semiparlamentarismo. Isso teve início com o impeachment da presidente Dilma Rousseff e se fortaleceu principalmente no governo de Jair Bolsonaro. Mas, por trás do Legislativo, quem de fato determina as decisões no Congresso é principalmente o mercado financeiro e o agronegócio.

Com o enfraquecimento das organizações da sociedade civil, a começar pelos sindicatos, o capital financeiro, e seus aliados, reina, soberano, controlando toda a mídia e as decisões do Congresso que fez opção preferencial pelos ricos, jogando a conta do ajuste fiscal nas costas dos pobres. O Legislativo foi capturado pelo clientelismo, abandonou o interesse público e virou uma espécie de sindicato dos interesses privados.

O governo tem que encontrar um novo paradigma, provavelmente apelando à mobilização popular. Ou Lula “vira a mesa”,

“dá um cavalo de pau”, e denuncia esse Congresso que vota contra o povo, denuncia o Banco Central que mantém elevada a taxa de juros para garantir o alto lucro dos Bancos e dos investidores no mercado financeiro, explicando à população que combater a inflação é pretexto, ou, se continuar assim como está, o risco de perder a próxima eleição é grande.

2.

Um governo sem rumo, sem projeto político, perde sua personalidade e não desperta esperança na população. Isso tem sido dito a quatro ventos por muita gente, inclusive pelo signatário dessas linhas. Mas, além das propostas substantivas na política, uma das mudanças urgentes que se faz necessária é a comunicação com o eleitorado.

O governo parece desconhecer que a política hoje se faz principalmente por comunicação digital, ficando em segundo plano as formas tradicionais de contato com o eleitorado.

A tecnologia mudou a forma de fazer política. Os palanques e comícios, onde Lula brilhava, foram substituídos pelas redes sociais, onde a oposição de direita predomina e tem mostrado inegável superioridade em vários embates como, por exemplo, a crise do Pix e o escândalo do INSS.

É incrível que o governo Lula, com o poder do Estado na mão, não consiga se equiparar à extrema direita na comunicação digital. Tem algo de muito errado na comunicação do governo que vive ainda no mundo analógico. É claro que o problema não se resume a comunicação. Muitos ministros, inclusive os da área social, não aparecem porque não têm o que dizer e o que mostrar. Com poucas e honrosas exceções, os ministros da área social ainda não disseram ao que vieram.

Na última pesquisa do DataFolha, divulgada em 14/6 último, Lula vence qualquer candidato no primeiro turno. Mas, no segundo turno, a diferença de Lula para Tarcísio de Freitas, atual Governador de São Paulo e provável candidato da oposição, é de apenas 1%. Lula teria 43% e Tarcísio de Freitas 42%. Convenhamos, é muito pouco. E a taxa de reprovação é muito preocupante. São 40% de reprovação, a maior de todos os seus mandatos. No final do segundo mandato, em dezembro de 2010, Lula tinha 83% de aprovação e 4% de rejeição!

Essa alta taxa de reprovação precisa ser melhor compreendida e explicada. Os dados econômicos do governo Lula são muito bons. PIB e Renda crescendo, Desemprego caindo. Mas o impacto eleitoral parece ser pequeno. Ou esses benefícios econômicos não chegaram a boa parte da população ou, se chegaram, eles não produzem efeitos e não influenciam a decisão de voto. Os bons resultados na economia não estão ajudando a popularidade do presidente Lula.

Como dizia a saudosa economista Maria da Conceição Tavares, o povo não come PIB.

3.

Os dados econômicos positivos por si só não geram votos. Já o preço dos alimentos influencia o voto nas classes de média e baixa renda. E, nesse quesito, o Governo não anda bem.

Desde o início da pandemia da Covid-19, em 2020, os preços dos alimentos acumulam alta de pouco mais de 55%. O número ultrapassa o avanço da inflação somada no mesmo período, de 33,4%, segundo dados do IBGE. A menor aprovação de Lula entre pobres é por alta de alimentos, disse o Ministro do Desenvolvimento Wellington Dias. Mas há indícios de que o preço dos alimentos tende a desacelerar.

Os eleitores de média ou baixa renda estariam sendo influenciados por *fake news*, pela mídia comercial, pelas informações tendenciosas ou falsas geradas pelas redes sociais bolsonaristas? Fatores não econômicos como costumes ou corrupção,

a terra é redonda

por exemplo, estariam tendo peso maior do que antes?

Há quem acredite que os bons resultados na economia vão acabar prevalecendo e influenciando o eleitorado. Por enquanto, isso é uma crença, sem comprovação. Ao que tudo indica, o grau de popularidade do Presidente não estaria principalmente vinculado aos resultados da economia.

Esse panorama lembra um pouco - guardadas as devidas diferenças - a última eleição nos EUA. O governo de Joe Biden conseguiu bons resultados na economia, mas Donald Trump venceu por uma diferença folgada. Espero que isso sirva de alerta para a campanha eleitoral de 2026 que, na verdade, já começou.

Um governo titubeante e fraco não entusiasma a população que prefere um governo forte, afirmativo, e não um governo temeroso de desagradar a direita para não perder no Congresso os votos que já vem perdendo.

É urgente encontrar uma nova filosofia de comunicação que desperte, como dizia Paulo Freire, a esperança e o sonho na população. Para isso, será necessário não apenas a urgente tarefa de mudar ministros e assessores, mas principalmente denunciar, alto e bom som, a sofreguidão da classe dominante em se apropriar dos recursos públicos e sabotar pagamento de impostos.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, disse o poeta português Luís de Camões em seu famoso soneto. Já se foi o tempo do negociador "bom moço". O papel de "guerreiro" político defendendo os interesses populares obteria mais apoio por parte do eleitorado. Mas, para produzir uma mensagem eficaz, será necessário abandonar o discurso ultrapassado da era analógica e entrar de vez na era digital.

A derrota contundente da esquerda na eleição municipal de 2024 acendeu o sinal vermelho. Temos pela frente mais de um ano até a eleição presidencial, ainda há tempo para o Presidente reverter sua queda de popularidade e ganhar a eleição.

Mas, para isso, Lula terá de decifrar o enigma que está posto em sua esfinge: Ou decifra, ou será devorado pelas urnas. E, para decifrar, o Governo, entre outras medidas, terá de mudar seu paradigma de alianças com a direita, denunciar o austericídio fiscal que bloqueia o desenvolvimento do país, partir para a ofensiva na defesa dos interesses populares e ingressar na era digital.

***Liszt Vieira** é professor de sociologia aposentado da PUC-Rio. Foi deputado (PT-RJ) e coordenador do Fórum Global da Conferência Rio 92. Autor, entre outros livros, de *A democracia reage* (Garamond). [<https://amzn.to/3sQ7Qn3>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)